

O Potiguar

Ano VI

Nº 36

Outubro / Novembro 2003

Distribuição Gratuita



O Trampolim da Vitória



Cartas

Natal, 05 de outubro de 2003.

Prezado Emerenciano,

Inicialmente, quero parabenizá-lo pelo excelente trabalho de divulgação da cultura do Rio Grande do Norte, através de **O Potiguar** e, como pretendo formar uma biblioteca sobre assuntos referentes ao Rio Grande do Norte, gostaria de consultar a Vossa Senhoria sobre a possibilidade de adquirir os volumes que estão faltando na Biblioteca "Maria Fidelis da Costa".

Esta Biblioteca possui, aproximadamente, 10 mil títulos, dos quais já foram catalogados 7.174, de 2.181 autores, para a obra Catálogo da Biblioteca "Maria Fidelis da Costa" e da Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, do Projeto "Bibliografia do Rio Grande do Norte", publicada pelo Senado Federal, com lançamento previsto para o final deste ano.

Em anexo, estou enviando a relação de **O Potiguar** que existe na Biblioteca Maria Fidelis da Costa, como também um volume do Catálogo e um simples livro de "poesias" denominado "Confidências", simples trabalhos que foram desengavetados para dar espaço a possíveis e pretensas novas criações.

Esperando contar com a compreensão de Vossa Senhoria, antecipadamente, agradeço como também apresento os mais sinceros protestos de consideração e distinto apreço.

Francisco Fernandes Marinho

EXPEDIENTE

- Diretor - João Gothardo D. Emerenciano	- Programação Visual - Ramos Cruz
- Editor - Moura Neto	- Capa - J. M. Vieira
- Revisão - João Gothardo D. Emerenciano Giuliano Emerenciano Ginani	- Gerente Comercial - Carlos Frederico Câmara - Impressão - Gráfica Nordeste

Avenida Prudente de Moraes, 625 - Tirol - Natal/RN - CEP 59.020-400

Os textos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores e não expressam necessariamente o ponto de vista dos editores do jornal.

SINSENAT

Construindo a luta

Filiado À
CUT

**Lutas garantem
Conquistas**

**Presidente
Soraya Godeiro**

Departamento de Imprensa
João Napoleão

Rua Gonçalves Ledo, 798 - Centro
Fones: (84) 211.2297 / 3082.9312
sinsenat@digi.com.br

w.w.w. Sinsenatmluta.hpg.com.br

O Cangaceiro Massilon

Seu nome era Benevindes Leite, nasceu na Serra de Luís Gomes, lá na “Tromba do Elefante”, região do Alto Oeste potiguar. Era um agricultor de boa índole, divertido e gostava de fazer amizades. Freqüentador das feiras livres e apreciador de uma boa cachaça, sempre tomava uma e jogava baralho no Mercado Público. Mudou seu nome para Massilon e tinha um irmão cangaceiro que era conhecido por “Pinga Fogo”.

A feira da cidade de Belém de Brejo do Cruz, na Paraíba, era uma das feiras de sua preferência. O delegado da cidade, homem valente e hostil, havia proibido o costume do povo andar armado e, nada teria lhe acontecido se um “cagueta” não tivesse ido dizer à polícia que Massilon estava armado e embriagado.

Não demorou muito e todos os policiais da cidade estavam cercando e prontos para desarmá-lo. Foi se esconder por trás da igreja e houve muita troca de tiros. Então, chega um cidadão de Jardim de Piranhas, conhecido por “Mané Forte” e segura Massilon por trás. Ele grita: “Mané Forte! Me solta se não a polícia me mata!”. Mas “Mané Forte” tentava convencê-lo de que era possível o diálogo e ele precisava se entregar pra polícia. Mesmo com os braços presos, segurando sua arma na mão direita, ele conseguiu acertar um soldado que veio a falecer. Com esperteza e agilidade, Massilon conseguiu escapar e, dali mesmo, fugiu para dentro da caatinga e foi incorporar-se ao

bando do cangaceiro Lampião.

Já tendo a confiança do Capitão Virgulino, Massilon colocou na cabeça de Lampião a idéia de assaltar a cidade de Mossoró, pois ele



afirmava que era uma cidade próspera, tinha bancos, um comércio desenvolvido e, portanto, era um bom negócio. Mas a verdade não era essa. Massilon tinha um amor platônico pela filha de Rodolfo Fernandes e via nisso uma oportunidade de raptar a moça.

Lampião não queria ir, além de ter uma devoção por santa Luzia—

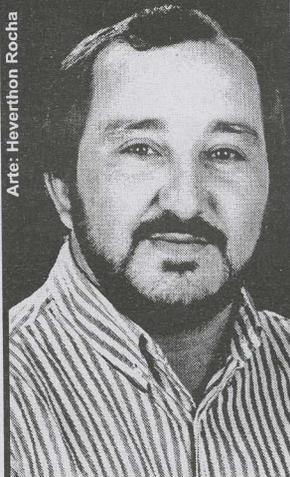
a padroeira de Mossoró — tinha também um certo respeito, ele não atacaria uma cidade que tivesse igrejas com duas torres. Mas de tanto Massilon insistir, ele terminou cedendo.

Já perto de Mossoró, Lampião quis desistir e enviou para o prefeito um bilhete dizendo que desistia de atacar a cidade em troca de 400 contos de réis, dinheiro da época.

O prefeito mandou como resposta uma bala embrulhada num papel e o recado dizendo que Lampião fosse contar o dinheiro pessoalmente. Era uma tarde de segunda-feira, do dia 13 de junho de 1927. O ataque foi um fracasso. Lampião perdeu dois importantes cangaceiros: “Jararaca” e “Colchete”. Outros cinco saíram feridos.

Depois de uma chuva de balas em Mossoró, o bando seguiu para a cidade de Limoeiro do Norte, no Ceará. Vendo seus planos irem por água abaixo, Massilon deixou o bando. Um senhor chamado Pedro Dantas Filho, natural de São José do Brejo do Cruz e residente em Caicó, falecido no ano passado aos 88 anos, dizia ter conhecido Massilon e contava essa história para quem quisesse ouvir. O ancião ainda confidenciou que depois do fracasso, Massilon teria ido para o Estado do Mato Grosso e nunca mais alguém teve notícias sua.

Alexandro Gurgel



Gabinete do Vereador Jorge Araújo

www.vozdazonanorte.com.br

jorgearaujo@vozdazonanorte.com.br

jorgearaujo@cmnat.rn.gov.br

Telefone: 84 211-2972

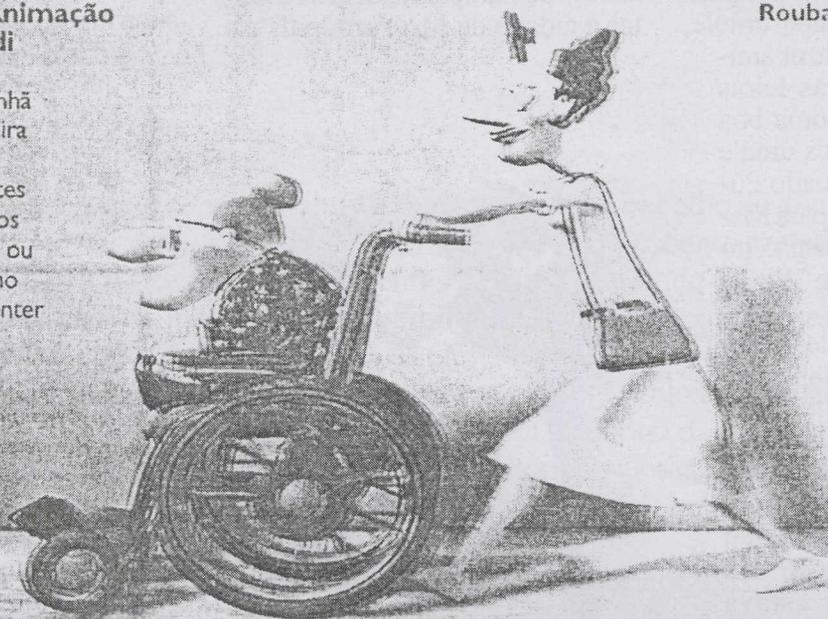
UM CRISTÃO A SERVIÇO DA COMUNIDADE

Outros festivais

Festival de Animação Anima Mundi

Datas: Hoje e amanhã
Local: Casa da Ribeira
Horário: 20h
Ingressos: Os convites podem ser retirados na Casa da Ribeira ou na Loja Ecológica no Natal Shopping Center

Roubada (Brasil)



Se o Festival de Cinema de Natal, ou Fest/Natal (como foi denominado também em anos recentes), além de mostrar filmes também premia diretores e atores/atrizes com troféus, e nele tendo sido produzidos, desde a primeira vez em 1987, eventos sociais, banquetes etc., com a presença de famosos do mundo cinematográfico brasileiro – no entanto, a palavra “festival” já fora usada pelos cinemas ou órgãos culturais da cidade, denominando simplesmente a mostragem, seqüenciada, de filmes do mesmo diretor, ou de uma atriz, ou de um período, ou de uma cinematografia nacional, ou de apre-

sentação de uma tecnologia nova à platéia natalense.

Iniciando a era do cinemascope em Natal, o cinema Rio Grande promoveu, de 30 de Outubro a 05 de Novembro de 1955, o I Festival de Cinemascope de Natal, exibindo um filme por dia. Que foram os seguintes: “O Egípcio”, “As Aventuras de Ali Babá”, “Desirée, o Amor de Napoleão”, “Duelo de Paixões”, “O Mundo da Fantasia”, “A Favorita de Felipe Segundo” e “O Aventureiro de Hong Kong”. Victor Mature, Marlon Brando, Clark Gable; e Marilyn Monroe, Olívia de Havilland e Jean Simmons, dentre outros e outras, foram vistos então pelos

natalenses sob a nova dimensão projecional, em que a tela é enlarguecida – tecnologia que a Fox patenteara em 1953 com o filme “O Manto Sagrado”. Nos dois anos seguintes, o Rio Grande continuou a série dos festivais de cinemascope, com o II e o III.

Em Novembro de 1958, realizou-se o I Festival de Cinema Mudo Americano, uma promoção do Clube Potiguar de Cinema (este foi fundado por Aldo Medeiros a 13 de Março do mesmo ano de 1958). Com filmes curtos datados de 1914 a 1928 (faroeste, comédias, dramas em geral, trabalhos com animais, partes de seriados), o festival

71 ANOS UNINDO



TRADIÇÃO E MODERNIDADE.

Ao completar 71 anos, o Colégio Nossa Senhora das Neves, consolida-se como um grande referencial no ensino potiguar, com competência, dedicação e técnica. O NEVES demonstra que além de tradição agrega valores como dinamismo e modernidade.



COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS NEVES

aconteceu no Teatro “Alberto Maranhão”, de 10 a 15 de Novembro de 1958. No interior do teatro, foi reconstituído o ambiente do cinema mudo, com orquestra a cargo de Pedrinho Duarte, João Namorado, Cândido Freire e Jônatas Albuquerque. Foram mostrados os filmes “Os Bandeirantes”, “Da Mão à Boca” (com Harold Lloyd), “Acrobacias”, “O Bombeiro” (Chaplin), “O Herói”, “O Motorneiro 1492”, “Amor no Oeste” (com Tom Mix), “Ladrões de Gado”, “Onde Começa o Norte” (com o cachorro Rin-Tin-Tin), “Nós Somos da Pátria Amada”, “A Dupla de Marinheiros”, “Elmo, o Destemido”, “O Filho de Tarzan”, “Calouros e Veteranos”, “A Dama de Cetim”, “Menino Travesso”, “Comissário Filósofo”, “Comissário de Polícia”, “Corações e Chapéus”, “Praia Clube”, “A Dançarina Espanhola” e “Águia de Prata” (seriado com John Wayne). Ao final, houve votação do público para a escolha do melhor filme do festival, sendo escolhido “A Dançarina Espanhola” (com Pola Negri). A 15 de Junho de 1970, a Sociedade Cultural Brasil-Estados Unidos também mostrava em Natal um festival retrospectivo do cinema mudo americano.

O Cine Poti, das organizações dos Diários Associados, havia sido inaugurado a 30 de Junho de 1960 com o filme “Imitação da Vida”. Logo em seguida, a partir de 03 de Julho de 1960, lançou um Festival de Filmes Japoneses. Os filmes foram: “As Aventuras de Guerreiros Vagabundos”, “Corações Solitários”, “A Fortaleza Escondida” (grande filme, do grande diretor Akira Kurosawa, e tendo como intérprete principal o grande Toshiro Mifune), “Três Brotos Alucinantes”, “O Conto do Samurai” (de outro

grande diretor, Hiroshi Inagaki, e também com Toshiro Mifune), “O Macaco Mágico” e “O Bando Sinistro” (este foi o último filme do festival, mostrado a 09 de Julho de 1960).

Em 1972, o Cinema São Luiz, no Alecrim, mostrou um Festival de Western/spaghetti (faroestes italianos). Em 1974, o cinema Rio Grande, afirmando uma tradição de festivais, apresentou o Festival Greta Garbo, somente com filmes interpretados pela bela atriz sueca e naturalizada norte-americana. O festival começou a 17 de Maio de 1974, com o filme “Madame Waleska”, dirigido por Clarence Brown, e mostrou ainda “Rainha Cristina” (de Ruben Mamoulian) e “Ninotchka” (de Ernest Lubitsch). Em 1979, o Cine-Clube Tirol, conjuntamente com a Fundação José Augusto, promoveu um Festival de Cinema Jovem Alemão. Também em 1979, o Rio Grande voltou com mais um festival. Desta vez com o Festival Alfred Hitchcock, seleção de excelentes filmes do mestre do suspense. Começado a 11 de Agosto de 1979 com o filme “Cortina Rasgada”, a que se seguiram (um filme por dia): “Os Pássaros”, “Marnie, Confissões de Uma Ladra”, “Psicose”, “Topázio”, “Intriga Internacional” e “Ladrões de Casaca”.

A partir de 07 de Janeiro de 1983, ocorreu na Fundação José Augusto o Festival McLaren, mostra de curtas do genial desenhista de animação escocês-canadense Norman McLaren. Com destaque para os filmes “Dots”, experimentalismo com formas abstratas desenhadas diretamente sobre a película e com efeito de som sintético; “Short and Suite”, abstração colorida com superposição de formas coloridas e

bailados de linhas verticais e horizontais; e “New York Light”, com recortes de papel animados. Também em 1983, a Aliança Francesa apresentou em Natal um Festival Bertrand Tavernier, mostrando em sua sede filmes deste grande realizador francês. Começando a 25 de Abril de 1983 com o filme “L’horloge de Saint Paul”.

A 29 de Abril de 1985, o Núcleo de Arte e Cultura (NAC) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, começou um Festival de Musicais. No Teatro do NAC, no Centro de Convivência Djalma Marinho, com duas sessões, às 0,9 e às 15h, o festival começou com o filme “Pink Floyd – The Wall”, de Alan Parker, e prosseguiu com outros filmes musicais. No mês anterior, o NAC mostrara um Festival Chaplin. Um dos últimos festivais não dentro da estrutura do Fest/Natal foi o Festival Anima Mundi, em Maio deste ano de 2003, filmes de animação de várias partes do mundo mostrados na Casa da Ribeira, trazendo de novo a mostragem de filmes no velho bairro da Ribeira.

As qualidades de filmes vistos nestes festivais natalenses pré e pós Fest/Natal mostrou a dignidade artística deste tipo de promoção, conhecido sob a palavra “festival”, que para algumas pessoas tinha uma certa maldição, um toque fascista, já que o primeiro festival cinematográfico nasceu na Itália do Duce, inaugurado na primeira quinzena de Agosto de 1932: o Festival de Veneza.

Anchieta Fernandes

SALESIANOS

COLÉGIO SALESIANO SÃO JOSÉ NATAL - RN

Largo Dom Bosco, 335 - Ribeira - Natal/RN - CEP 59012-530
Fone: (84) 211-4220 - Fax: (84) 222-35

Avenida Rio Branco

A Avenida Rio Branco é uma artéria que faz parte da história tradicional da cidade do Natal. Em 1822, era conhecida como Rua Nova, registrando casas, apenas voltadas para o oriente. Do lado oposto existia apenas um imenso matagal. No espaço, onde edificaram o atual o Banco do Brasil era conhecida como mercado do Peixe. O Código Criminal do Império de 1843 aplicava a Pena de Morte por enforcamento, e a temida força era armada naquele espaço e desarmada logo após a execução.

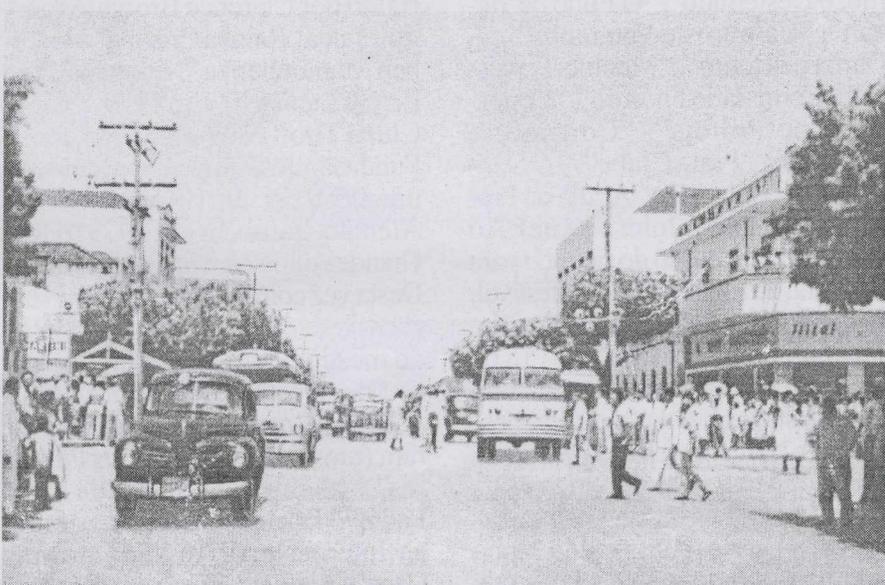
O primeiro executado em Natal, chamava-se José Pretinho. Na manhã de 23 de maio de 1843, antes de morrer José Pretinho disse a seguinte frase já que do local dava para avistar o rio potengi: *Há! daqui de cima se vêem as jangadinhas!* O último condenado à morte pelo Código Criminal do Império, foi Valentim José Barbosa, que não havendo quem o enforcasse, foi fuzilado em 7 de agosto de 1847.

A Avenida Rio Branco, recebeu este topônimo através do Decreto de 13 de fevereiro de 1888, em homenagem a José Maria da Silva Paranhos, o Visconde do Rio Branco. As duas ladeiras íngremes, que limitam o seu prolongamento, apresentavam em seu cimo, a mais antiga sociedade recreativa da cidade, o Natal-Clube, fundado em 22 de julho de 1906.

Em anos recuados, testemunhei aquele logradouro, cheio de alegria e de vida. Em toda a sua extensão, acontecimentos memoráveis foram ali despertados. O curso nos velhos carnavais; o prostrar no Grande Ponto; as noites de Natal, os São Joãos, os pastoris e as lapinhas; festejava-se a vida enquanto a Av. Rio Branco era palco e platéia de amores encon-

trados e perdidos.

Ali se instalaram estabelecimentos que se tornaram emblemáticas na história daquela via. Associação dos Professores; Liceu Industrial; Casarão de João Freire, Liga Artístico Operária; Correio; Mercado Público (hoje Banco do Brasil); as ruínas do Quartel do 21 Batalhão de Caçadores (hoje Colégio Winston Churchill); Diário de Natal e o Jornal de Natal; Hotel América; Hotel Natal; Studio Vale e o Edifício Amaro Mesquita. As Casas comerciais: Duas Améri-



cas; A Formosa Síria; Casa Rio com o Centro Estudantil Potiguar, no último andar; Casa Costa; Casa Régio; A Graciosa, depois Novo Continente, contribuíram para a desenvolvimento de nossa capital. Complementando os pontos inesquecíveis temos a Cruz Vermelha; o Cinema Rex (com troca de Gibis nas manhãs de domingo); as coleções de figurinhas que movimentavam a calçada da Loja 4.400 e da Cigarreira de Seu Tributino, “O Zepe-

lim” e, a famosa Praça de carros pretos, tudo cristalizado um tempo no tempo.

A velha Rio Branco vivia em boa companhia, pois naquele local habitavam pessoas ilustres como: João Motta, Carlos Dutra, Pedro Maurício da Silva, Jovino Guilherme, Dr. Antenor Vilar, Dr. Demétrio Viveiros, fotógrafo Emídio Vale, Osmídia Fernandes, Oscar e Alice de Paula, Dr. José Ivo, Dr. Francisco Ivo, Severino Brito, Paulo Teixeira, Sr. Coutinho, dentista Augusto de Souza,

Francisco Gosson, Júlio Lucena, Padre Benedito, fotógrafo João Alves de Melo, entre tantos mais que ali criaram e educaram seus filhos e filhas.

A Avenida Rio Branco, sempre terá uma importância fundamental na cidade do Natal, por ser história, lembrança e saudade.

Manoel Procópio de Moura Júnior

Mensagem Natalina



A Venerável Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos, representada nas pessoas do Senhor Provedor Mário Bernardo de Souza, Conselheiros, Conselho Fiscal e demais membros desta Provedoria, deseja a todos os seus associados e convidados presentes à esta confraternização do Natal de Jesus, em Natal; que as realizações festivas deste ano de 2003, sejam de fundamental importância para todos, lhes proporcionando muitas alegrias, saúde, paz e prosperidade; e que a graça do Senhor Jesus os complete com a bênçãos dos bons frutos, que com certeza e muita fé, serão colhidos, num despertar do novo ano de 2004

Unidos em orações. E com muita fé, alcançaremos.

A PROVIDORIA.

Mário Bernardo de Souza



Canto da Ema

Natália

*Meu canto corta a Ribeira
Cidade Nova de amor
Grito pelos Igapós
Um desafio em flor*

*Tempero a minha alma
Com um ramo de Alecrim
O meu coração de Rocas
Picado de Maruim*

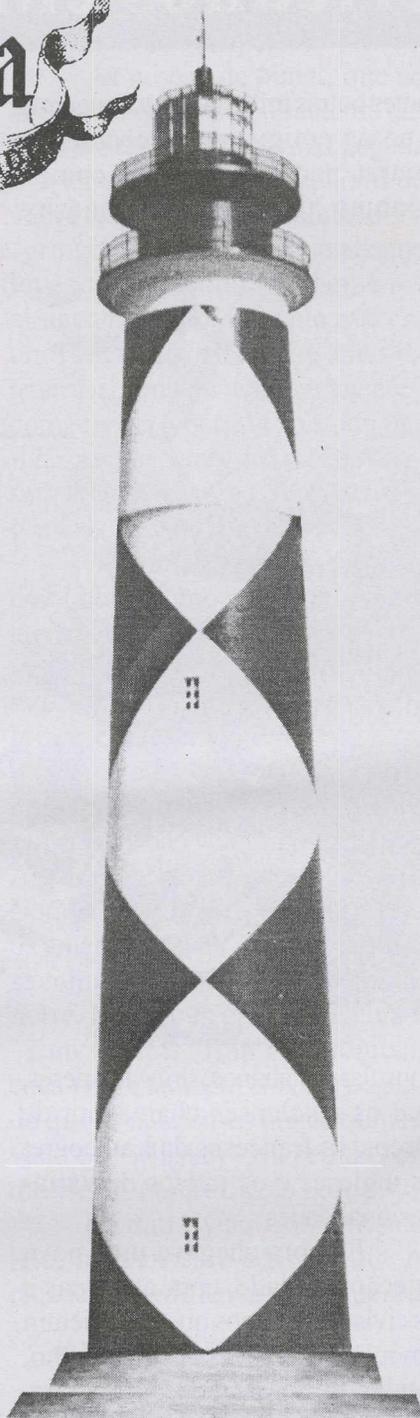
*E a Esperança que descansa
N'uma Redinha pequena
Capim Macio do pátio
Mãe Luiza, flor morena*

*Dix sete botões rosados
Lagoa Nova secou
O Grande Ponto dos sonhos
Candelária, virgem amor*

*O forte da negra ponta
Cantinho de Mirassol
Brasília Teimosa, Reis
Barreira d'água, Tirol*

*O Morro Branco que guarda
A Areia Preta do mar
Cidade Alta de mágoas
Bom Pastor a vaquejar*

Terto & Nagério



Desmemoriagem

*Silencio, busco auferir
o meu tumulto interno.
Sem motivos para rir,
fumo meu próprio inferno.
Atraso o relógio, tédio
não me pega mais. Esmago
com os dedos o silêncio,
navego minhas fumaças.*

*Dos sonhos puxei um freio.
Parei, em minha presença
de esquivo ao nosso meio,
na preguiça e na crença.*

*Em mim existe a memória
do que poderia ter sido
mar, lua e sol da história.
Dois seres, dois indivíduos
marcados para o Amor.
Simultaneamente, sim,
carne e osso pelo corpo,
olhos de enxergar o fim.*

*Ao conquistar a ausência,
silencio o cio e a dor;
visto-me de permanência,
trato de ser o que sou
(sou um homem coletivo
em meu verso de lirismo,
só por isso sobrevivo
em minha folha de livro).
Ao poeta falta você,
sua ausência transcendente
esse ter de me esquecer.
Sim, pois você compreende,
essa nossa compreensão
é filha da fina linha
que só em nós se inscreve
em sangue, suor e paixão.*

João Gualberto C. Aguiar

Bella Natal
Restaurante

Aberto das 11:00hs
às 22:00hs

www.bellanatal.com.br

Av. Eng. Roberto Freire, 2920, Shopping Cidade Jardim,
Loja 63 - Natal/RN - Fone: 217-4704



**COMPRAMOS,
VENDEMOS E
TROCAMOS**

- LIVROS E REVISTAS
- VINIS, VÍDEOS, DVD'S E CD'S,
- OBRAS DE ARTE E ANTIGUIDADES
- ENCADERNAMOS E RECUPERAMOS LIVROS.

Sebo da Praça

Praça Padre João Maria, 71-A - Centro - CEP 59025-250 - Natal/RN

FONE: 8805-1025

Os americanos em Natal

A 2ª Guerra Mundial, que durou de 1939 até 1945, recebeu a adesão do Brasil em 1942, tendo como razão principal o torpedeamento de navios brasileiros no Atlântico Sul. E Natal, como ponto mais perto da África, se apresentava como o local ideal para um “trampolim”, como depois foi chamada, para atingir os nossos inimigos na Europa e no Japão.

Em 1941 chegou o primeiro “olheiro” americano, o sr. Marshall Jamison que veio, viu e gostou do local, tendo a ocupação de Parnamirim começado com a chegada da primeira Fortaleza Voadora em nossa terra. Nossa base passaria então a ser usada pelas forças do Exército, Marinha e Aeronáutica dos Estados Unidos da América do Norte.

E nasceu logo o grande entendimento entre os dois países. O ministro da guerra, no momento o general Eurico Gaspar Dutra, chegou a se referir a isso pela imprensa do sul do país. Começava assim aquele auxílio mútuo, que iria até o fim do conflito, na maior base militar do mundo, superada em tamanho, só depois, na Ilha de Guam, hoje ocupada pelos Estados Unidos, na guerra contra o Japão.

No dia 28 de janeiro de 1943, o presidente Vargas encontrou-se com o presidente norte-americano, Franklin Delano Roosevelt, em Natal, quando foram ratificados os célebres acordos entre seus respectivos governos, tendo ambos visitado a cidade e a base de Parnamirim, demoradamente.

Natal, uma cidade pequena, com 40 mil habitantes, na época, conservadora e recatada, recebeu um impacto extraordinário com a chegada daquele povo jovem, sadio e barulhento. Era uma menina recatada que arranjava um namorado “escolado”.

No convívio diário entre visitantes e os brasileiros de Natal houve

antes outras influências estrangeiras, que os potiguares receberam de outras nações, como os comerciantes alemães, funcionários



consulares, italianos, sírio/libaneses, que os natalenses chamavam de turcos, os franceses da Latécoère, os ingleses e os judeus de várias nacionalidades.

E agora chegava uma nova injeção a cidade, com as tropas e os civis americanos que aqui vieram em missão de guerra e de trabalho, mudando nossa vida de maneira espetacular, transformando nossos costumes, vestimenta, comidas, bebidas, comportamento, linguagem, religião, praias e usos diários.

As roupas tradicionais dos natalenses, paletó, gravata e chapéu foram, pouco a pouco, mudadas para calça cinza e camisa esporte que, na época, tomou o nome de “sileque”. Começaram a usar mais verduras, influência dos “gringos”, como eram chamados os americanos, pelos natalenses é, todo dia, ia um avião até o Rio de Janeiro trazer alfaces, tomates e outros produtos hortigranjeiros. Era o avião

das verduras, como chamavam em Parnamirim e é introduzida a coca-cola, fabricada na própria base.

O comportamento dos jovens também sofre mudanças. A informalidade dos yankees é imitada pelos rapazes da terra, que se tornam mais abertos, imitando beber líquidos na boca da garrafa, sentar no meio-fio para esperar os coletivos, botar os pés nas cadeiras, nos bares e outros comportamentos que alguns tradicionalistas da cidade discorriam e criticavam. A linguagem também começa a receber palavras novas, como “táxi”, “my friend”, “yes”, e “ok” e “senorita” para todas as mulheres da terra sem distinção de classe, “gode-me”, palavra que significava “danado”, entre os soldados.

A grande batalha entre católicos e protestantes começa a diminuir, quando a igreja da base, recebia ao mesmo tempo, em horários diferentes, a missa católica, o culto protestante e os rituais judaicos. As praias da cidade, onde só ia aos domingos ou sob prescrição médica, foram invadidas pelos soldados que iam de manhã, de tarde e de noite, havendo até a criação de uma praia particular, no fim da Areia Preta, batizada Miami pelos americanos. Os clubes passaram a abrir todos os sábados, para festas oferecidas ao povo natalense, com excelentes orquestras de civis e militares yankees. Abriu-se um cassino atrás do Grande Hotel, na Ribeira, com todos os jogos tradicionais e uma boa banda onde brasileiros e americanos dançavam e se divertiam fraternalmente. No distrito da luz vermelha, foi instituído o exame periódico das mulheres para evitar doenças venéreas, com a criação de um documento que era chamado **love card**, por alguns engraçados da cidade, frequentadores da “noite”.

A cidade, os transportes, os bares, estavam sempre cheios de

soldados. O comércio multiplicou suas vendas e muitos comerciantes enriqueceram, junto com os motoristas de carros de aluguel. Os aluguéis subiram e comerciantes de meias de seda, perfume Channel e relógios de pulso, nunca venderam tanto.

Os preços subiram com o uso do dólar como moeda oficial na cidade, especialmente nas casas noturnas, o que era uma realidade. Não se pedia mais cerveja nos bares e sim “bia (de beer, cerveja). As ruas viviam cheias de jeeps e caminhões o que aumentou extraordinariamente o trânsito da capital.

Além das festas semanais, nos clubes natalenses, incluindo o Hípico, recém-fundado, onde confraternizavam natalenses ricos e yankees havia o mais perfeito entendimento. Os americanos tinham seus clubes, além de excelente cassino, dentro da base, onde brasileiros eram convidados e circulavam figuras do cinema hollywoodiano, do show-business e outros. Na cidade havia 2 clubes. Um na praça Augusto Severo, onde é hoje a firma Limarujo e o outro no fim da avenida Getúlio Vargas. Eram denominados, respectivamente, de USO cidade e USO praia. Nestes clubes os visitantes bebiam, e dançavam com as moças da terra, filhas das famílias mais “pra frente”, numa camaradagem, como se tudo já tivesse sido ensaiado.

Muito usado no esforço de

guerra, era o jeep, invenção dos americanos, viatura segura e fácil de dirigir que resolvia quase todos os problemas de transportes.

As moças de Natal, que só iam às festas acompanhadas de um membro da família, com a chegada dos rapazes de fora, mudaram de vida e aderiram à informalidade dos “gringos”, no uso de roupas mais leves e o costume de beijar os amigos no meio da rua, o que era um verdadeiro escândalo antes da guerra. E também os pais exigentes, começaram a permitir a saída das filhas, assim como, oferecendo “festinhas” em casa aos amigos das meninas.

Os comerciantes mais sábios botaram moças bonitas para atender no balcão e atrair os novos fregueses e muitos ficaram ricos, mesmo agindo honestamente. Que foram explorados, todos sabiam, inclusive eles, mas davam pouca importância ao assunto, pois muitos sabiam que não voltariam da guerra. Abriam-se cursos de inglês em Natal e também de português para os americanos, na ânsia de melhor se comunicarem com os amigos do norte. Nos bares gritava-se “bia”, “Tom Collins” (gin com tônica), coca-cola e também chocolate gelado que os natalenses nunca tinham visto e o “whiskey” era pedido “on the rocks” (sobre o gelo puro).

E assim viviam, sob o mesmo teto, natalenses e adventícios. A cidade se modificava rapidamente,

na rua Dr. Barata, durante o dia, podiam ser vistos generais de 4 estrelas, a bela artista de Hollywood – Kay Francis – exibindo sua silhueta sensual, o rei da Arábia, o comediante Joe Boca Larga e Buster Gordon. E ainda a viúva de Chiang Kai-Shek, os soldados comprando meias de seda, perfumes Channel e relógios de pulso e os militares confraternizando nos bares que os judeus de Recife abriram para ganhar o dólar fácil.

Policimento

O policiamento da cidade, por incrível que pareça, era feito por apenas dois jeeps com 4 homens em cada um. Era a Polícia do Exército, os famosos M.P's. Um jeep ficava no Grande Ponto, com telefone pronto para atender e outro no Grande Hotel, na Ribeira. Havia uma obediência total dos soldados soltos pela cidade e nunca se ouviu falar em qualquer incidente entre eles. Assisti uma vez, um exemplo da sua eficiência. Num dia de festa no Aero-Clube, como membro da diretoria, sou chamado ao bar, onde estava havendo uma “confusão”. Um oficial da Marinha, estava embriagado, quebrando copos e chamando nome feio ao dono do bar. Cheguei, vi o tamanho da “fera” – uns 2 metros de altura e, calmamente telefonei para o Grande Hotel. Dentro de exatamente 10 minutos, os M.P's chegaram, falaram baixinho no



Alojamentos para a tropa norte-americana, em construção. Parnamirim, 1943.

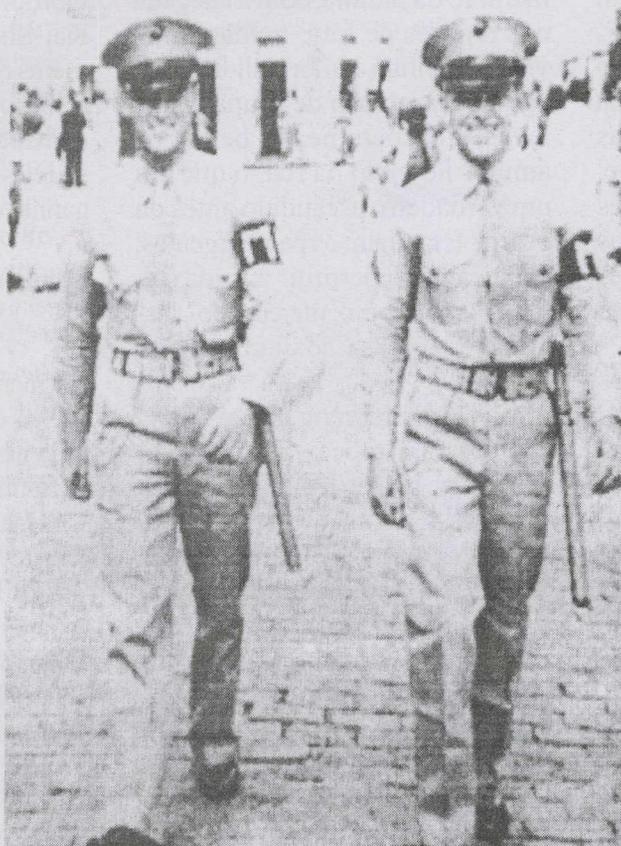
ouvido do militar e tudo foi resolvido sem barulho.

Grande Hotel

O Grande Hotel teve papel importante no tempo do conflito. Eu chamava de quartel-general dos americanos. Vivia sempre cheio. Na varanda do bar, onde eles ficavam, bebendo, conversando e dizendo piadas uns com os outros, podia-se ver, do lado de fora, na calçada, uma enorme corte de vendilhões e todo tipo de comerciante improvisado. Ali havia de tudo: macacos, sagüins, corujas, papagaios, periquitos e, até carneiros, vi um dia. Havia também vendedoras que ofereciam, desde a renda do Ceará até facas de ponta de Campina Grande. No meio da rua, havia também cavalos e burros para alugar aos cowboys improvisados, que exibiam suas qualidades de bons montadores. Era uma palhaçada pois, a maioria tendo bebido, não se agüentava bem na sela, caía e aí era uma gritaria, apupos e assobios. Um bom divertimento. No bar, sentados do lado de fora, vi vários artistas do cinema como Buster Crabbe, Bruce Cabot, Joel McCrea, a estrela Martha Ray e outras estrelas menores.

Os visitantes confraternizavam com os natalenses nas suas festas tradicionais. No dia 7 de Setembro, todos os anos, formavam

vários pelotões da tropa americana, na comemoração de nossa festa maior da independência, o que dava um brilho todo especial ao evento, deixando o povo alegre e feliz. No carnaval, que nenhum deles conhecia



Soldados americanos patrulham as ruas de Natal.

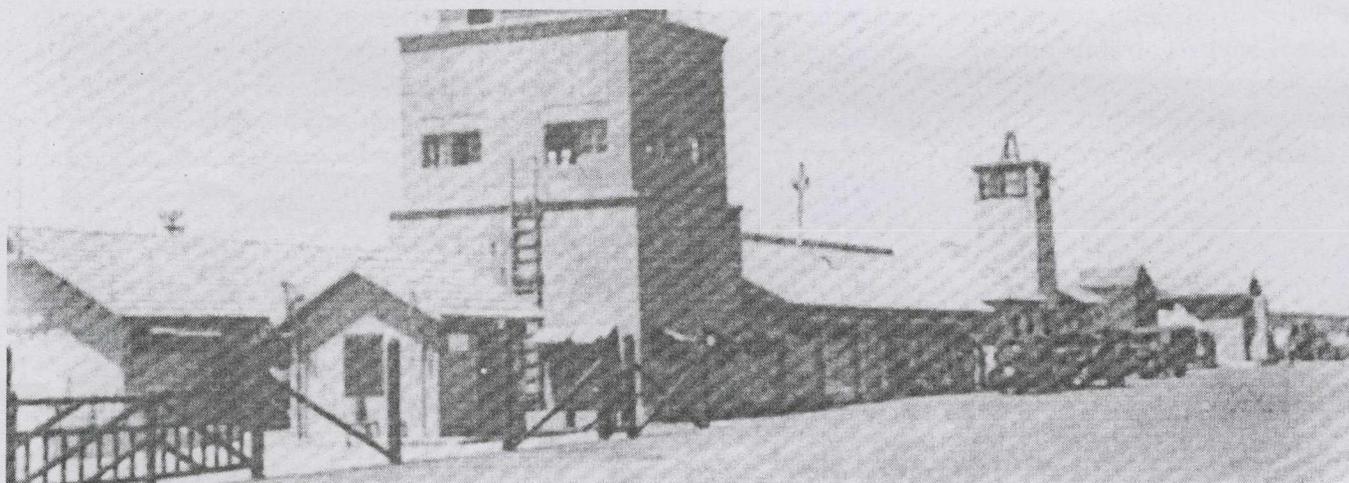
e muitos nunca tinham ouvido falar nesse folgado brasileiro, era uma loucura. Entravam nas danças de rua, pulavam, imitando os natalenses, cantavam, gritavam e tentavam dançar o "passo Pernambuco", o que provocava divertimento e alegria principalmente para as crianças. Há até a história de um oficial que esteve na avenida Rio Branco, todos os dias e, na quarta-feira de cinzas apa-

receu e perguntou, vendo a rua às escuras: "Porque não mais Cecília? (referia-se ele e uma marcha vitoriosa do carnaval daquele ano).

E chegou a partida. Foi uma manhã de tristezas e de lágrimas quando o governo dos Estados Unidos mandou um navio para levar os corpos aqui sepultados de volta para a sua pátria. Foram mais de 50 ataúdes, cobertos com a bandeira nacional e embarcados no cais do porto, num ambiente de tristeza para as namoradas, os amigos e o povo em geral que durante toda a ocupação pacífica de Natal, tinha aprendido a conviver com a tropa aliada e passado, na sua quase totalidade, a estimá-los. Toda Natal, num gesto de alta significação para o moral da guerra, estava ali se despedindo de seus amigos do norte. Felizmente, o impacto não foi total pois, o resto da tropa foi saindo paulatinamente. E a cidade também se transformou. Aquele barulho esfuziante desapareceu. Voltamos aos nossos

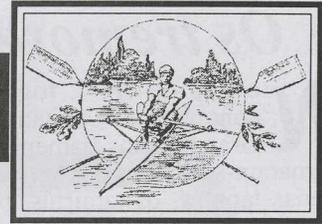
costumes do passado, é verdade, mas toda nossa alma estava mudada. Uma nova mentalidade se inseriu na velha cidade dos **Reis Magos**, pensando em quantos não mais voltariam a sua pátria de origem.

Protásio de Melo



Edifício de operações num campo de aviação em Natal - 1943

DESPORTISTAS INOLVIDÁVEIS



Enéas Reis

Nas décadas de 20/30 outros grandes desportistas vieram cerrar fileiras com aqueles que haviam fundado o ABC Futebol Clube. Nesta fase o clube teve momentos de provações, vencidas, porém, pela pertinácia de seus dirigentes e associados que, inclusive tornaram o clube conhecido além fronteiras. Foi aí que despontou a figura extraordinária de Enéas Reis, que viera de Mossoró e que em Natal se estabelecera como próspero comerciante, ingressando no ABC para as primeiras e gloriosas temporadas interestaduais de futebol em Natal e por todo o nordeste, com o apoio, é certo, de Vicente Farache Neto, Luiz Potiguar Fernandes de Oliveira, Salviano e José Gurgel do Amaral, Antônio Farache, Amador Lamas e Jayme dos G. Wanderley, dentre outros.

Graças ao seu grande trabalho em prol do ABC Futebol Clube nos seus primeiros anos, foi eleito presidente em 1920 e reeleito em 1921, quando naquela época, estatutariamente, a gestão da diretoria era de apenas um ano. Posteriormente, foi eleito presidente seguidamente, de 1928 a 1931.

Na administração do médico José Tavares da Silva (1932/1937), foi eleito Presidente de Honra do ABC Futebol Clube.

Surgiram as primeiras temporadas interestaduais de futebol e grande foi o seu empenho, tornando-se o impulsionador para o seu êxito, principalmente no primeiro jogo em Natal, peleja que teve como palco o "ground" da praça Pedro Velho, quando o ABC

abateu o Santa Cruz, de Recife, campeão invicto ali e ocasião que Vicente Farache Neto era apenas o ponta direita do alvi-negro, posteriormente, tornando-se também um grande dirigente. Ainda quando o ABC foi a Fortaleza, nas festividades do centenário de José de Alencar, escre-



veu uma das mais belas páginas de sua história desportiva, disputando numa semana quatro jogos, obtendo 3 vitórias e 1 empate.

Foi ainda, dirigente de quase todas as nossas delegações nos campeonatos brasileiros de futebol na década/20, com jogos realizados em Fortaleza (CE), João Pessoa (PB) e Recife (PE).

Emprestou, também, sua colaboração ao remo do Rio Grande do Norte, sendo membro da diretoria do Centro Náutico Potengi (1920). Presidiu a nossa delegação de remo

que foi ao Rio de Janeiro, em 1920, disputar o Campeonato Brasileiro, quando o Estado foi representado por uma equipe do CNP – Leite Ribeiro, José Barreto, José Elpídio dos Santos, Raymundo das Virgens Pereira e Pedro Ferreira da Silva. Foi o 3º colocado, dentre os 9 Estados disputantes, prova disputada na Baía da Guanabara.

Quando o governador Juvenal Lamartine, atendendo ao apelo de Enéas Reis, garantiu a construção daquele que viria ser o "Stadium Juvenal Lamartine", inaugurado em 1928, Enéas Reis foi o escolhido para presidente da comissão responsável pela construção daquele que seria o primeiro estádio a ser construído no Rio Grande do Norte, tendo o desportista Lauro Medeiros sido o seu tesoureiro, com elogios do governador e da Liga de Desportos Terrestres (hoje Federação Norte-riograndense de Futebol).

Finalmente, emprestou sua valiosa colaboração à nossa federação de futebol, tendo sido eleito vice-presidente, nas administrações do prof. Luiz Soares de Araújo (1929) e do comt. Carlos Bezerra de Miranda (1949).

Assim foi Enéas Reis, aquele homem simples, bonachão, correto e que chegou de Mossoró para ser em Natal um comerciante vitorioso e um dos paladinos do esporte potiguar. Faleceu em Natal, a 29/12/1955, aos 62 anos de idade.

Luiz G. M. Bezerra



Rua Dr. Barata, 217/219 - Ribeira - Fone: 211-5180 - Fax: 222-1500
www.galvaomesquita.com.br - galmes@digicom.br



Av. Salgado Filho 2850 - Lj 05
Lagoa Nova - CEP 59063-100
Natal/RN - Fone: 206-9099

Os tremores de terra na Chapada da Serra Verde

No ano de 1634, logo após a conquista da Capitania do Rio Grande pelos flamengos, estes tornaram-se aliados dos temíveis indígenas tapuias, os tarairiús, mais conhecidos nas antigas crônicas como os janduí. Uma facção desses silvícolas obedecia à chefia de Caracará, irmão do famoso “rei” Janduí, que foi o mais valioso colaborador dos invasores flamengos.

Os holandeses trataram imediatamente de conseguir minuciosas informações a respeito da geografia da capitania conquistada, tendo aquele chefe Caracará dado notícia de uma montanha elevada, chamada pelos tapuias de COWOYRY, e pelos potiguares de MOYTYAPOA. Ficava a montanha localizada no trecho do território da Capitania, compreendido entre os rios Potengi e Ociunon, denominação esta emprestada por aqueles janduí ao rio Açu, ou Piranhas (1).

Ainda, segundo Caracará, os janduí somente realizavam as viagens entre o Ociunon e o Potengi, nos meses de inverno ou num verão chuvoso, devido ao problema de abastecimento d’água. A viagem do Ociunon a Moytyapoa era realizada em três dias. No verão ficava armazenado algum resto d’água em certos poços, nos rochedos. Nos lugares baixos, a água era salobra (2).

Treze anos depois, precisamente no dia 25 de junho de 1647, o famoso aventureiro holandês ROULOX BARO, ao realizar uma grande viagem pelo interior da Capitania do Rio Grande, chegava em companhia do “rei” Janduí, ao morro Matiapoa. Ficava este ao ocidente do rio Vvuvvug, que corresponde ao rio que banha a presente cidade de Touros, neste Estado.

Na ocasião, Janduí dirigiu-se às roças cultivadas pelos potiguares, em Matiapoa, roubando-lhes toda a produção de cabaças, abóboras (jerimums), ervilhas (feijão) e favas. No dia seguinte, os tapuias se transportaram às roças de Janduí, onde colheram grande quantidade de milho (3).



Matiapoa também era um local onde os tapuias realizavam os seus cultos religiosos, e onde recebiam a visita do “diabo” Houcha (Uxá). Ali também eram realizadas cerimônias de cunho social, como a perfuração de lábios e orelhas dos jovens tapuias, danças e comedorias (4).

Matiapoa, ou Moytyapoa corresponde à Chapada da Serra Verde, localizada na microrregião do Mato Grande, neste Estado. Como sabemos, aquela chapada é muito fértil, nela produzindo-se grande quantidade de produtos agrícolas.

Recentemente (1986), a região foi castigada por uma série de tremores de terra, dos quais nos têm dado notícia os meios de comunicação, quase que diariamente. Será que naqueles idos tempos dos tapuias, já ocorriam tais tremores na região de Matiapoa?

Se analisarmos o significado na linguagem dos tupis, do topônimo Moytyapoa, iremos encontrar o termo MOTEAPY, cujo significado corresponde a FAZER ESTRONDO!

Assim, podemos deduzir ser antiquíssima a ocorrência de tremores na microrregião do Mato Grande, abrangida pela Chapada da Serra Verde, pois, indiretamente, a tais tremores já faziam menção os indígenas potiguares, ao darem à região a designação de “aquela que produz estrondos”...

E muito séculos depois, a mesma região continua fazendo jús ao bem aplicado topônimo tupi, pois as convulsões geológicas ainda ali se fazem presentes.

Olavo de Medeiros Filho

- (1) LAET, Joannes de • *História ou Anais dos Feitos da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais*, II, p. 461.
- (2) LAET, Joannes de • *Obra citada*, p. 462.
- (3) MOREAU, Pierre & BARO, Roulox • *História das Últimas Lutas no Brasil*, &, p. 104.
- (4) MOREAU, Pierre & BARO, Roulox • *Obra citada*, pp.104-107.

PT HUGO MANSO
VEREADOR - NATAL

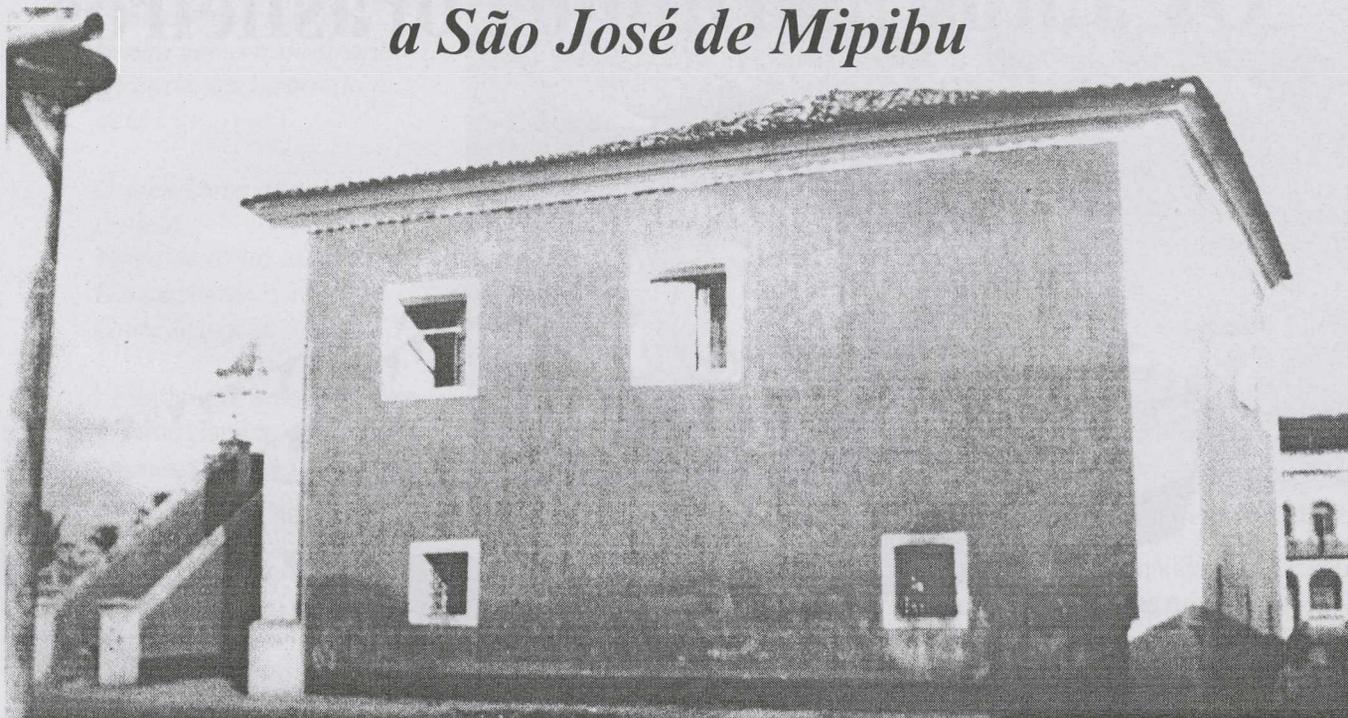
Neste final de ano vamos refletir nossas ações, viver intensamente as festas, e planejar 2004.
Felicidades e muita saúde.

Hugo Manso

VEREADOR
Hermano Moraes
Sempre Presente

Que as bênçãos de Deus estejam sempre presente nos corações de todos os norterio-grandenses. Feliz Natal. Feliz Ano Novo.

De São José do Rio Grande a São José de Mipibu



Prédio da Intendência de São José de Mipibu, fotografado pelo escritor Mário de Andrade em 1928

São José de Mipibu tomou esse nome pela Lei Provincial de número 125, no dia 16 de outubro de 1845.

Inicialmente chamava-se vila de São José do Rio Grande, teve a sua instalação no dia 22 de fevereiro de 1762, este nome foi escolhido em homenagem a três personalidades distintas, o santo-São José, El-Rei D. José I de Portugal e D. José Francisco Xavier, que era filho de D. Maria I.

No decorrer dos anos não se sabe porque esqueceram o Rio Grande, as pessoas chamavam apenas de São José.

Posteriormente o presidente da Província Casimiro José de Moraes Sarmiento, sancionou a Lei nº 125, decidindo definitivamente o seu destino. Em artigo único, assim contido: "Fica elevada a categoria de

cidade a vila de São José, com a denominação de cidade de São José de Mipibu; revogada qualquer disposição em contrário".

O projeto foi de autoria do deputado Joaquim Francisco de Vasconcelos, aprovado no dia 1º de outubro de 1845. Depois o deputado autor do projeto se arrependeu de ter colocado o Mipibu e apresentou uma emenda suprimindo o nome Mipibu, para voltar a ser apenas S. José, como antes se chamava. A emenda foi rejeitada, continuando portanto, São José de Mipibu até os dias hodiernos.

Encerrada as discussões, o projeto foi enviado à sanção no dia 13 do mesmo mês, sendo assinado pelo presidente da Província.

A instalação da cidade foi marcada por grandes festividades sob o comando do coronel Leocádio

de Medeiros Murta, presidente da Câmara Municipal de São José de Mipibu, homem sério, honesto e consciente da grandiosidade daquele evento histórico. Promovendo jantares, sessões, discursos, vivas e foguetórios, as festas se estenderam até 1º de novembro de 1845.

Dez anos depois, o deputado José Alexandre Seabra de Melo, propunha na Assembléia Legislativa Provincial, mudar-se a capital da Província para São José de Mipibu. No entanto, o seu projeto não logrou êxito, sendo rejeitado.

São José de Mipibu tem uma história bonita, rica e digna de ser lembrada.

Claudionor Barroso Barbalho

100 anos
A mais antiga
Instituição Cultural do Estado

1902 * 2002

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE

A Ki - Tanda

A SUA CASA DE FRUTAS E CARNES

Av. Antônio Basílio, 2703 - Lagoa Nova - Natal/RN
Telefrutas / Telefax: (84) 206-5612

Os autos marítimos brasileiros



Ilustração: Márcio José

São originários da Península Ibérica e chegaram até nós em formas portuguesas, tomaram cada um entre si sua feição particular que, sob influências várias, assumiram no decorrer do tempo denominações diferentes, pesquisados e classificados pelos mais importantes estudiosos do assunto.

Entre os autos folclóricos brasileiros ganham destaque os de natureza marítima: Fandango, Chegança, Marujada, Barca, Nau Catarineta ou simplesmente Dança de Marujo. Esses autos populares, pela ótica dos menos avisados, podem parecer a mesma coisa, o que na verdade não é, pois as únicas semelhanças existentes são que ambos vestem fardas de

marujos, dançam numa barca em forma de navio e portam miniaturas de veleiros.

A grande diferença está no enredo de cada um: na chegança por exemplo simula-se uma luta entre mouros e cristãos pela posse da Península Ibérica com texto de uma forma semiculta, já o Fandango representa uma nau perdida em alto mar durante sete anos e um dia, com seus tripulantes vivendo momentos de muita aflição. Enquanto que a Marujada é uma manifestação tipicamente brasileira, uma recriação, podemos assim dizer, inspirada no Fandango e na Chegança, onde são cantados e dançadas vinte e quatro belíssimas jornadas num espetáculo de rara beleza que

chega empolgar as mais variadas platéias.

No texto do Fandango, ao contrário da chegança, observamos rapsódicas populares derivadas dos cantos de vilancilos de tradição portuguesa e espanhola. A Chegança brasileira é originária das mouriscadas ou danças mouriscas europeia. Como no Fandango todos cantam e dançam com suas indumentárias características, patentes e postos: Almirante, Capitão de Mar e Guerra, Mestre Piloto, Capelão, Doutor, Cirurgião, Oficiais, Enfermeiros, Marujos, Ração e os dois Gajeiros.

Inicia-se a apresentação da Chegança com uma das mais belas e tradicionais marchas:

Offset

GRÁFICA

Rua Dr. Barata, 216 - Ribeira
59012-370 - Natal - RN
Fone: (84) 211-7664



Milho de Cobre

Contos - 1ª Edição

**BREVE
NAS
LIVRARIAS**

Newton Lins Bahia
Natal/RN

*Alerta, alerta que dorme
Olhe a moça na janela;
Venha ver o mau tirano
Quando vai largando a
vela.*

*Ô meu Deus que tirania é
aquela,
Terra de tanta alegria!
É o canto do rosário
Onde festejam Maria.*

O Fandango brasileiro, no caso o grupo de Canguaretama onde fiz anotações de suas marchas no seu verdadeiro drama de enredo e origem, observamos variantes e adaptações de velhos romances musicados portugueses, como o conde da armada, o corsário da ilha, o cego e a nau catarineta:

*A 2 de março
Saímos nós de Lisboa,
Feito um corsário da índia
Para chegarmos em Gôa.
Abra a porta mana
Que eu venho ferido,
De uma punhalada
De vosso marido.*

*Bela nau Catarineta
Dela vos quero falar
Sete anos e um dia, ô
tolinda,
Sobre as ondas do mar.*

*Adeus, ô belas meninas,
Que de Lisboa eu cheguei,
Vós pensavam que eu não
vinha
Eu aqui estou outra vez.*

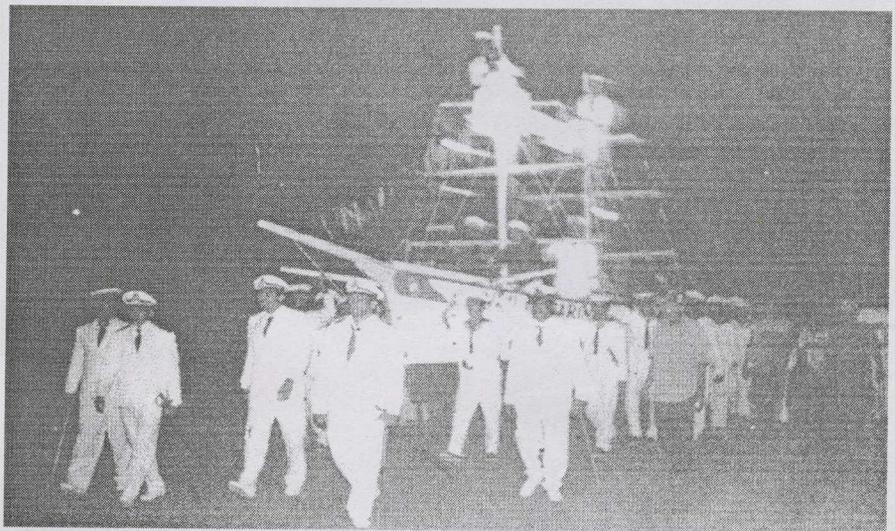


Foto: Deifilo Gurgel

Fandango de Canguaretama acompanhando a Nau Catarineta - 09.11.97

Depois de muitas cantigas, diálogos, sapateados, a bela Nau Catarineta da cidade de Canguaretama, trajando uma indumentária da marinha mercante do Brasil, oficiais com quepes e paletós brancos, camisas e gravatas ornadas de platina, calças brancas, espadas e espadins, marujos de gorro e blusa da mesma cor, ao som de violão e instrumentos de percussão entoam o seguinte canto de despedida:

*Vamos dá a despedida
Como o beija-flô
Quando beijou açucena
Nos pés de Nosso Sinhô.*

*Adeus, meu povo, adeus,
Que eu já vou me retirar,
Se a função não tiver boa,
Peço, queiram desculpar.*

O nosso estado tem o privilégio de ainda ter esses três importantes autos marítimos, conservando

toda beleza e originalidade o que não acontece em outras regiões do Brasil. É o caso do Fandango de Canguaretama, a Chegança de Barra de Cunhaú e a Marujada de Georgino Avelino que do alto de suas tradições folclóricas, clamam por apoio e incentivo para continuarem vivas na tradição cultural do Rio Grande do Norte.

O multifacetário Antônio Nóbrega, inspira grande parte de seus espetáculos na cultura popular folclórica do Rio Grande do Norte passando por Chico Antônio, Fabião da Queimadas, os Cabocolinhos de Ceará Mirim, o Fandango de Canguaretama e outros mais. Toda essa beleza cultural tem empolgado as mais inteligentes e sofisticadas platéias do Brasil e da Europa sob a maestria do incrível Nóbrega.

Severino Vicente

Sebo Amorim

Rua Ulisses Caldas, 94 - Centro - Natal/RN
Fone: (84) 221-3717 / 9973-9423

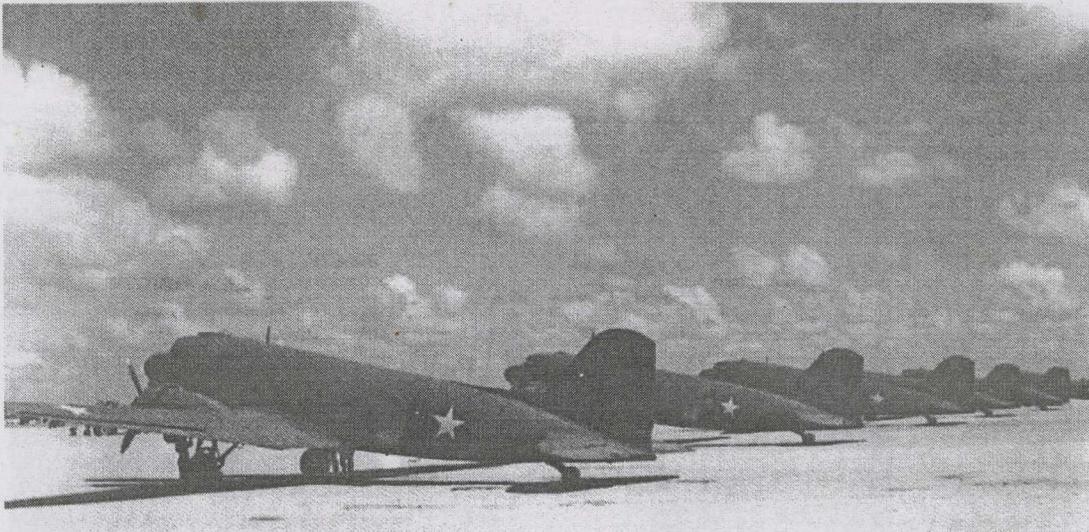
MAIS ANTIGO SEBO DE NATAL EM FUNCIONAMENTO

Cata Livros

DESDE 1970

**Compra, venda e troca de livros, discos,
Cd's, fitas de vídeos e k7 usados.**

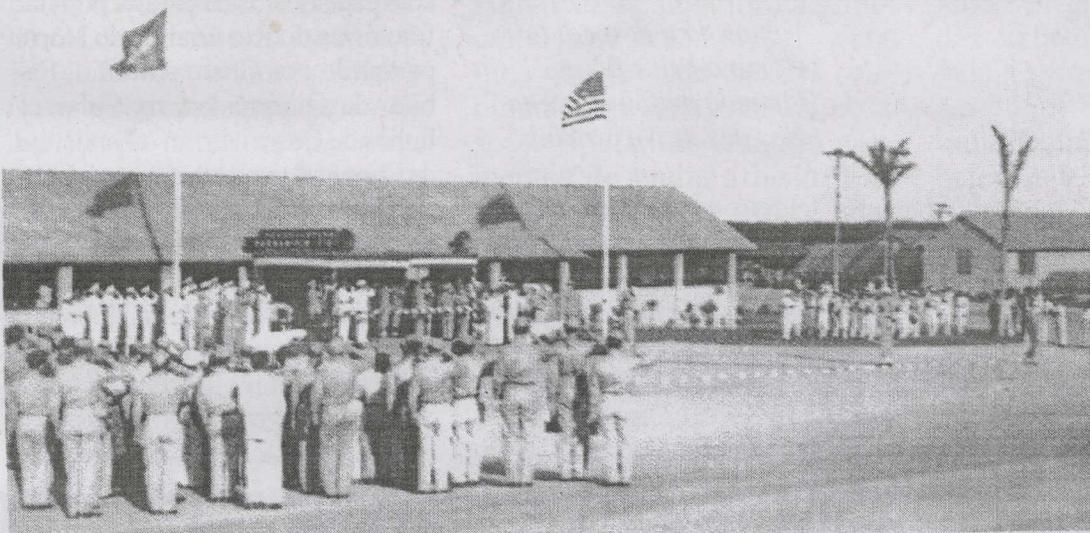
Matriz: Rua da Conceição, 617 - Centro - Natal/RN
Filiais: Rua da Conceição, 613 - Centro - Natal/RN
Av. Xavier da Silveira, 67-A - Morro Branco
Fone: (84) 9461-5470 - Natal/RN



*Aviões de carga
Douglas C-47,
no Campo
de Parnamirim.*



*Prédio
onde funcionava
o correio
da frota da NAF.
Natal, 1943*



*Hasteamento
das bandeiras
do Brasil
e dos Estados Unidos,
no Campo
de Parnamirim.*



O Governo do Estado do Rio Grande do Norte, através da Fundação José Augusto, está concluindo as obras da Casa de Cultura Popular do Assu (sobrado da baronesa de Serra Branca). Esta Casa contará com auditório, oficinas de artes, salas de exposição, biblioteca, painéis de artistas locais e bar.